

Variação construcional em estruturas argumentais transitivas com o verbo *cessar*: um estudo centrado no uso

PALAVRAS-CHAVE:

Construções transitivas com o verbo *cessar* • Variação construcional
• Linguística Funcional Centrada no Uso

Monclar
Guimarães
Lopes
Leonardo
Maia
do Carmo

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo descrever duas construções de estrutura argumental transitiva que instanciam o verbo *cessar* no português contemporâneo, a saber: a) a construção transitiva prototípica [X_{agente} CESSAR Y_{afetado}], por exemplo: *ele cessou o processo*; b) a construção transitiva causativa [X_{agente} CESSAR.COM Y_{afetado}], por exemplo: *ele cessou com o processo*. Sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. BYBEE, 2010; CUNHA et al., 2013; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016; entre outros), busca-se tanto investigar as propriedades da forma e da função dessas duas construções quanto aferir se elas mantêm entre si uma relação de variação construcional (cf. CAPPELLE, 2006; PEREK, 2015), haja vista a presença de papéis análogos para as funções sujeito e objeto nas duas estruturas. Para essa análise, empregou-se uma metodologia quali-quantitativa, em que identificamos e selecionamos 128 ocorrências das construções em estudo no *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org). Os resultados permitiram-nos atestar que as duas construções mantêm uma relação de variação construcional somente em determinados contextos, haja vista a extensibilidade da construção transitiva causativa, que possibilita a instanciação de objetos com diferentes propriedades semânticas.

INTRODUÇÃO

Neste texto, buscamos apresentar uma parte dos resultados do projeto de pesquisa *De intransitivo a transitivo: mudança de transitividade do verbo cessar no português brasileiro sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso*, desenvolvido sob o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e sob o âmbito das investigações linguísticas do Grupo de Estudos Discurso e Gramática da Universidade Federal Fluminense (D&G-UFF). Apesar do título do projeto sugerir um trabalho de caráter diacrônico, na medida em que se compromete com a mudança linguística, temos, aqui, um outro foco: o de comparar as propriedades da forma e da função de duas construções de estrutura argumental transitiva, a saber: a) a construção transitiva prototípica (ou transitiva direta), de padrão [X_{agente} CESSAR Y_{afetado}], como no exemplo *ele cessou o processo*; b) a construção transitiva causativa, de padrão [X_{agente} CESSAR.COM Y_{afetado}], como no exemplo *ele cessou com o processo*.

Conforme podemos verificar por meio dos dois exemplos¹ supracitados, temos duas construções aparentemente sinônimas no que se refere a suas propriedades semânticas – já que apresentam papéis temáticos análogos para sujeito (agente) e objeto (afetado) de um mesmo verbo –, apesar da diferença formal: a segunda construção traz a preposição *com* entre verbo e complemento. Como sabemos, na perspectiva construcional da gramática, defende-se o *princípio da não sinonímia* (GOLDBERG, 1995), para o qual diferenças nas propriedades da forma implicam também diferenças nas propriedades do significado (sejam estas semânticas e/ou pragmáticas). Paralelamente, também se assevera que um modelo construcional da gramática deve ser capaz de descrever a totalidade do conhecimento linguístico dos falantes (cf. GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; entre outros), estando incluso nessa concepção o fenômeno da variação (cf. CAPPELLE, 2006; HILPERT, 2014; PEREK, 2015). Dessa maneira, na comparação entre as propriedades da forma e da função das duas construções, objetivamos, nesta investigação, identificar:

GOLDBERG, A. A **Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2001.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. In: DORIS SCHÖNEFELD (ed.) **Constructions all over: case studies and theoretical implications**, Constructions, special volume 1, 2006.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

PEREK, F. **Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

1. Embora a Linguística Funcional Centrada no Uso seja uma abordagem que lida com dados reais do uso, optamos, somente nesse momento, por questões didáticas, por apresentar dois exemplos elaborados pelos autores no intuito de ilustrar a proximidade de sentido entre as duas construções.

1) se as duas construções apresentam semelhanças e/ou diferenças quanto à função (compreendendo-se função como o conjunto de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Em caso afirmativo, quais são elas; 2) se as duas construções apresentam uma relação de variação construcional, entendendo-se variação, aqui, não como sinonímia absoluta, mas como alternância de uso entre as duas construções em um mesmo contexto de uso.

Para chegar às generalizações a que nos propomos, empregamos uma metodologia quali-quantitativa de análise, em que identificamos e selecionamos 128 dados extraídos do *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org), uma plataforma livre de dados linguísticos reais, com mais de 1 bilhão de palavras. Sustentamos a ideia de que qualquer trabalho que busque algum nível de generalização deve lidar com frequência de uso, tanto *type* quanto *token* (cf. BYBEE e THOMPSON, 1997), na medida em que as propriedades compartilhadas pela maior quantidade de ocorrências propiciam a identificação e a descrição de protótipos de uma categoria. Outrossim, analisamos esses dados sob a ótica dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. BYBEE, 2010; CUNHA et al., 2013; HILPERT, 2014; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016; entre outros), uma vez que se trata de um modelo teórico que se propõe a chegar a generalizações a partir do estudo de dados empíricos de uso linguístico.

Como veremos na seção de análise dos dados, assumimos a seguinte hipótese: a construção transitiva causativa (CTC, daqui por diante) representa uma expansão das possibilidades de uso da construção transitiva prototípica (CTP, daqui por diante), na medida em que aquela permite recrutar os mesmos elementos nas funções sintáticas do sujeito e do objeto que esta, mas não somente. Na CTC, percebemos a atuação da expansão *host-class* (HILMELMANN, 2004), haja vista a possibilidade de se recrutarem objetos com diferentes propriedades semânticas.

No intuito de promover uma apresentação didática desta pesquisa, este texto está dividido em quatro partes. Além desta introdução, seguem as seguintes seções: 1. Fundamentação teórica e procedimentos metodológicos; 2. Análise dos dados; 3. Considerações finais. Por fim, incluímos as referências.

BYBEE, J.; THOMPSON, S. Three Frequency Effects in Syntax. *Berkeley Linguistics Society*, 23, 1997, p. 378-388.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad- Faperj, 2013, p. 13-39.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 60, v. 2, 2016, p. 233-259.

HILMELMANN, N. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HILMELMANN, N.; WIEMER, B. **What Makes Grammaticalization** – A Look from its Fringes and its Components. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) – ou ainda Linguística Cognitivo-Funcional, segundo Tomasello (2003) – é um modelo para a descrição gramatical das línguas naturais, em que pesam, de forma equivalente, as propriedades formais e funcionais. Sob esse ponto de vista, a aquisição, o processamento, a produção e a (re)categorização das unidades linguísticas (isto é, das construções) atuam concomitantemente sobre o polo da forma e o da função, de maneira indissociável. Isso significa que, sob a perspectiva da LFCU, não existe forma (no que tange às propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) sem função (no que tange às propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), nem função sem forma.

A defesa da indissociabilidade entre função e forma tornou-se bastante difundida com o trabalho sobre as construções de estrutura argumental de Goldberg (1995), em que a estudiosa demonstra que mesmo construções sintáticas altamente abstratas no plano da forma apresentam uma contraparte funcional. Vejamos dois dos exemplos apresentados pela autora (1995:3), no quadro abaixo:

1. Ditransitiva	X CAUXA Y A RECEBER Z	Suj V Obj1 Obj2
		Pat faxed Bill the letter.
		(Pat mandou uma carta para Bill).
2. Movimento causado	X CAUSA Y A MOVER Z	Suj V ObjObl
		Pat sneezed the napkin off the table.
		(Pat espirrou o guardanapo para fora da mesa).

Quadro 1. A construção ditransitiva e a construção de movimento causado.

Fonte: Goldberg (1995:3)

Acima, temos a representação esquemática de duas construções de estrutura argumental: a construção ditransitiva [Suj V Obj1 Obj2] e a construção de movimento causado [Suj V Obj Obl]. Embora tais estruturas nos pareçam destituídas de significação – na medida em que revelam apenas morfossintaxe em sua superfície –, elas não o são. As duas construções apresentam um sentido altamente abstrato, que se realiza em todos os usos linguísticos. Nesse ponto de vista, de um lado, na construção ditransitiva, há um sentido abstrato de transferência de um objeto de um agente para um beneficiário, que está presente não somente no exemplo

supracitado (Pat mandou uma carta para Bill), como também em qualquer outra ocorrência que se realize por meio dessa estrutura argumental (Ele comprou/enviou/escreveu/leu um livro para a mãe); de outro, na construção de movimento causado, há um sentido resultativo em que um objeto é movido de seu lugar de origem por meio da ação de um agente (X CAUSA Y A MOVER Z), como podemos ver tanto em *Pat espirrou o guardanapo para fora da mesa quanto em Maria pôs o bule na mesa, Joaquim empurrou a mesa para o canto da sala*, etc. Em síntese, nessa abordagem, todas as formas linguísticas contêm uma contraparte de significado.

Nessa ótica, defende-se que a unidade básica de análise para a descrição linguística é a construção, definida como “um pareamento de forma-função” (cf. FILLMORE e KAY, 1993; GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; entre outros). Para entendermos melhor o que define forma e função nesse paradigma, recorreremos à representação simbólica da construção, elaborada por Croft (2001:18):

FILLMORE, C. J.; KAY, P. **Construction Grammar**. Berkeley: University of California, 1993.

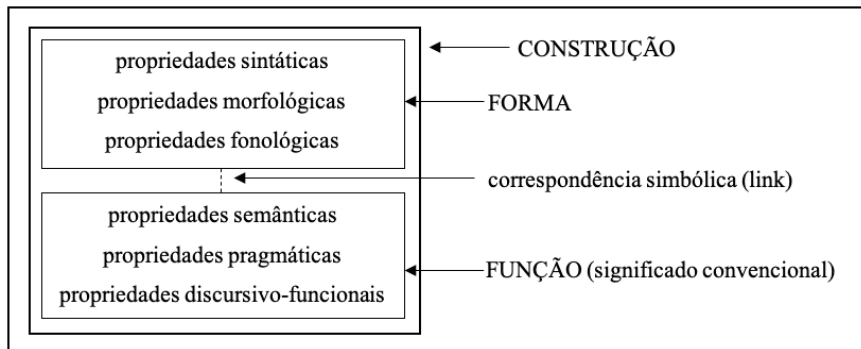


Figura 1. A estrutura simbólica da construção.

Fonte: [Croft \(2001:18\)](#)

Conforme podemos observar, cada uma das contrapartes da construção se caracteriza pelo conjunto de três propriedades. No polo da forma, temos as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; no polo da função, as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Nesse sentido, um estudo linguístico em abordagem construcional da gramática, com vistas à generalização, deve buscar descrever quais são as propriedades formais e funcionais prototípicas e gerais das construções em estudo. Para alcançar esse objetivo, um estudo quali-quantitativo é fundamental, na medida em

que: a) de um lado, a análise qualitativa permite-nos depreender os fatores de análise, isto é, entender quais aspectos contribuem para descrição das propriedades da forma e da função da construção em estudo; b) de outro, a análise quantitativa é que nos permite a generalização, na medida em que é ela que vai apontar as recorrências de traços semelhantes, compartilhados pela maior parte de ocorrências de uma mesma construção. Paralelamente, esse método de análise permite-nos atestar a produtividade da construção em análise, isto é, aferir os diferentes padrões de uma construção que atua em nível mais esquemático.

No que diz respeito às duas construções em estudo – isto é, a construção transitiva prototípica (CTP) e a construção transitiva causativa (CTC) –, mostraram-se relevantes para a descrição das propriedades formais e funcionais os seguintes fatores de análise:

Propriedades formais:

- i. Morfossintaxe da construção, em termos de suas partes componentes (as funções sintáticas que fazem parte da construção e as categorias morfológicas que preenchem essas funções);
- ii. Posição do objeto e/ou a presença de elemento interveniente entre verbo e preposição, ou ainda, entre preposição e núcleo do objeto;
- iii. Tempos e modos verbais em que o verbo se apresenta nas duas construções, levando-se em consideração também a existência ou não de perífrases.

Propriedades funcionais:

- iv. Papéis semânticos exercidos pelo sujeito e pelo objeto da construção, bem como o valor semântico assumido pelo verbo nas duas construções;
- v. Propriedades do objeto no que diz respeito à sua classificação como concreto/abstrato (morfologia) e valor semântico (nomes com noção básica de processo ou não);
- vi. Propriedade semântica da preposição que atua na construção transitiva causativa.
- vii. O impacto do entorno linguístico (um critério pragmático) na interpretação da construção;
- viii. O tipo de sequência tipológica em que a construção se apresenta.

Sustentamos que a análise desses fatores, nas 128 ocorrências levantadas, tornou possível detectar tanto diferenças formais e funcionais quanto a existência de variação construcional. Embora os dois fenômenos possam, num primeiro momento, parecer excludentes – afinal, como duas

LAMBRECHT, K. **Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus, and the Mental Representations of Discourse Referents.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DANEŠ, F. A Three-level approach to syntax. In: DANEŠ, F; HORÁLEK; K; SKALICKA, V; TROST, P; VACHEK, J (eds.) **L'École de Prague d'aujourd'hui.** Prague: Academia, 1964, p. 225-240.

construções funcionalmente distintas são variantes de uma mesma variável? –, eles não o são. Para essa defesa, adotamos neste trabalho a visão aloconstrucional de Perek (2015), um autor que nos possibilita falar em variação construcional sem levar em conta a existência de sinonímia absoluta, isto é, de estruturas que compartilhariam sempre as mesmas propriedades semânticas e/ou pragmáticas. Sob esse ponto de vista, duas construções podem ser consideradas variáveis de uma mesma variante – ou aloconstruções, segundo Cappelle (2006) –, quando elas tiverem o mesmo valor referencial e forem consideradas estruturas alternáveis em um mesmo contexto de uso. Com base nos estudos de Lambrecht (1994) e Daneš (1964) a respeito das alosentenças – “pares divergentes de sentenças semanticamente equivalentes, mas formal e pragmaticamente distintas” (LAMBRECHT, 1994: 6) –, Cappelle (2006) propõe um tratamento para esse tipo de fenômeno, sob o título *aloconstruções*, que representa uma analogia à ideia de *alofonia* e *alomorfia*. Na descrição da variabilidade da posição das partículas verbais nos phrasal verbs (como, no exemplo, *let down a friend vs let a friend down*), o autor constrói um modelo em que as variantes se estabelecem em uma relação horizontal, unidas a uma única variável, em relação vertical, superordenada. Vejamos a representação do modelo na figura 2, logo abaixo:

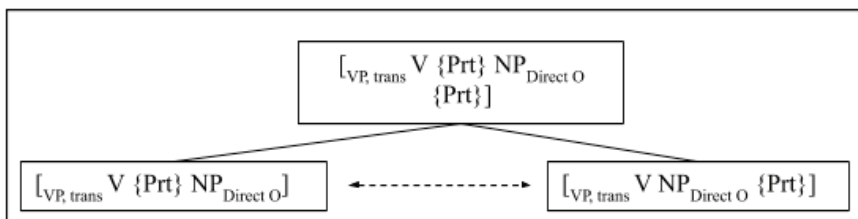


Figura 2. A construção transitiva de partículas verbais e suas aloconstruções

Fonte: Cappelle (2006:18)

Nessa perspectiva, construções como [*give X up*] ou [*give up X*], por exemplo, são interpretadas como variantes de uma mesma variável (no que tange à relação vertical) ou como aloconstruções (no que tange à relação horizontal), na medida em que apresentam equivalência semântica, a despeito da diferença formal (relacionada à posição da preposição) e pragmática (o mais comum é que a preposição ocupe a segunda posição quando há um objeto leve, anafórico, presente no cotexto).

Perek (2015), também sob o olhar da variação construcional, incrementa ainda mais o modelo das aloconstruções ao relativizar as questões de equivalência semântica. Traz para a cena de análise algumas construções de alternância sintática em que é possível perceber uma diferença tangível de significado (no que tange às propriedades semânticas), como ocorre entre com as construções de alternância locativa, nos exemplos abaixo (2015:159):

- a. João borrifou tinta na parede. [John sprayed paint onto the wall].
- a'. João borrifou a parede com tinta. [John sprayed the wall with paint].
- b. João carregou feno no caminhão. [John loaded hay onto the truck].
- b'. João carregou o caminhão com feno. [John loaded the truck with hay].

Como é possível observar, as duas construções em análise (a locativa com *onto* e a locativa com *with*) apresentam uma diferença semântica no que diz respeito à conceptualização das cenas. Na versão inglesa, os exemplos ilustram uma diferença de perspectivização. Nesse sentido, de um lado, às construções com *with* se atribui um efeito holístico, em que o todo é necessariamente afetado pela ação descrita pela sentença (sendo assim, em a', podemos compreender que toda a parede foi pintada; em b', que o todo o espaço de carga do caminhão foi preenchido com feno); de outro, às construções com *onto* pode-se atribuir um efeito holístico, mas não necessariamente, na medida em que uma leitura partitiva também é possível (ou seja, em a, a parede pode ter sido completamente borrifada com tinta ou apenas parte dela; em b, o caminhão pode ter sido completamente carregado com feno ou não). Nessa segunda construção, a interpretação – se holística ou partitiva – dependerá, portanto, do contexto de uso.

Esse tipo de constatação nos leva a entender que a variação construcional não deve pautar-se em equivalência semântica – a despeito das diferenças pragmáticas, conforme defende Cappelle (2006) –, mas, sim, em valor referencial. Ou seja, para considerarmos duas construções como estruturas alternantes (variantes), elas devem apresentar o mesmo valor de verdade. Sob esse ponto de vista, entendemos que duas construções formalmente distintas, como a alternância locativa com *with* e a alternância locativa com *onto*, podem ser consideradas aloconstruções (variantes de uma variável) em determinados contextos de uso, mas não em todos. Sob essa ótica, cabe-nos também descrever esses contextos de uso, que chamamos, aqui, de contextos de neutralização.

Esse tipo de ponto de vista é bastante pertinente à pesquisa da CTP e da CTC, como veremos a seguir, na análise dos dados, na medida em que detectamos a existência de contextos de neutralização, em que ambas as construções podem ser consideradas como estruturas alternantes por terem o mesmo valor referencial. Nesse sentido, além dos fatores de análise previamente apresentados, buscamos, na próxima seção, descrever os contextos de neutralização, bem como aqueles em que as duas construções apresentam funções (parcialmente) distintas.

2. ANÁLISE DOS DADOS

LOPES, Monclar Guimarães. **Transitivização de desaparecer em perspectiva cognitivo-funcional**. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 178p, 2015.

LOPES, Monclar Guimarães. Transitivização de sumir e desaparecer no português do Brasil: um caso de construcionalização lexical. **Revista Entrepalavras**. Fortaleza, n. 4., v. 7, 2017, 18p.

LOPES, Monclar Guimarães; MENEZES, Vanda Maria Cardozo. A formação do sub-esquema argumental causativo no português brasileiro. **Revista Confluência**. Rio de Janeiro, n. 54., v.1, 2018, 23p.

Como temos dito ao longo deste artigo, propomos, nesta investigação, a comparar duas construções de estrutura argumental transitiva: a construção transitiva prototípica – ou direta – (CTP) e a construção transitiva causativa (CTC). Uma vez que esta é de pouco conhecimento da comunidade científica, dedicaremos um breve espaço desta seção em sua descrição.

A CTC é um tipo de padrão de estrutura biargumental, que tem sido descrito por Lopes (2015; 2017) e Lopes e Menezes (2018), que recruta verbos originalmente inacusativos, isto é, elementos tradicionalmente monoargumentais que exigem um sujeito de papel temático paciente, como, por exemplo, acabar, cessar, desaparecer, explodir e sumir. Vejamos um exemplo de cada:

- (a) Não penso em *acabar* com o meu casamento².
- (b) A morte irá *cessar* com a personalidade jurídica que o acompanhou durante a vida³.
- (c) Para ajudar Aécio, mídia *desaparece* com aeroporto dado à sua família⁴.
- (d) Algum espertinho resolveu *explodir* com os aparelhos e foram fazer barulho⁵.
- (e) Desde então, me dediquei a *sumir* com as chaves e os documentos de todos⁶.

Conforme podemos verificar, em todas as ocorrências supracitadas, temos uma estrutura sintática biargumental (e não monoargumental), cujo esquema pode ser representado da seguinte maneira: [X_{agente} V.COM Y_{afetado}]. Nesse padrão, observamos a existência de dois argumentos: um sujeito de papel agente e um objeto de papel afetado. Os verbos são do tipo semântico material de transformação (HALIDAY, 1985). A preposição “com”,

2. <http://3xtrinta.blogspot.com/2011/11/seu-dilema-e-possivel-amar-dois-ao.html>

3. <http://dadospessoais.net/2007/03/> - acesso em 01/07/2019.

4. <https://www.esmaelmorais.com.br/2014/07/para-ajudar-aecio-midia-desaparece-com-o-aeroporto-dado-a-sua-familia/> - acesso em 01/07/2019.

5. <https://pplware.sapo.pt/gadgets/iphone/afinal-iphone-7-tambem-explode/> - acesso em 01/07/2019.

6. http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=17830 - acesso em 01/07/2019.

único elemento específico da construção, encontra-se dessemantizada (perda total de sua composicionalidade), sem que se recupere seu sentido básico de associação⁷.

O que nos chamou, recentemente, a atenção foi o fato de alguns desses verbos serem recrutados não apenas pela construção transitiva causativa (CTC) como pela própria construção transitiva prototípica ou direta (CTP), como podemos observar nas duas ocorrências com o verbo *cessar*, logo abaixo:

- (01) Esta é a quadragésima oitava vez que nos apresentamos a si, caro leitor. *Ainda não cessamos a tarefa de informar sobre as letras*, debater e divulgar, propósitos imutáveis desta Literatas nossa que nasce do sangue dos poetas, prosadores, críticos entre novos e velhos que embarcam quinzenalmente nesta loucura missão de fazer a arte virtualmente a partir de um país onde há uma maioria considerável que não tem acesso à internet⁸.
- (02) Toda a nossa existência é fundamentada tão-somente no presente – no fugaz presente. Deste modo, tem de tomar a forma de um constante movimento, sem que jamais haja qualquer possibilidade de se encontrar o descanso pelo qual estamos lutando. É o mesmo que um homem correndo ladeira abaixo: cairia se tentasse parar, e apenas continuando a correr consegue manter-se sobre suas pernas; como um polo equilibrado na ponta do dedo, ou como um planeta, *o qual cairia no sol se ele cessasse com seu percurso*. Nossa existência é marcada pelo desassossego⁹.

As duas estruturas parecem-nos perfeitamente alternáveis, de modo que, aparentemente, podemos substituir uma pela outra, sem que haja alteração em seu conteúdo referencial: (01') *Ainda não cessamos com a tarefa de informar sobre as letras*; (02') *o qual cairia no sol se ele cessasse seu percurso*. Tais semelhanças nos despertaram o interesse por esta pesquisa, haja vista que, dentro da perspectiva funcionalista, mudanças na forma devem impactar, em alguma medida, o significado, como prevê o princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995).

Por questões didáticas, subdividiremos esta seção em três subseções, a saber: 2.1. Frequência *type* e *token* da CTP e da CTC; 2.2. Propriedades da forma e da função da CTP e da CTC; 2.3. Contextos de neutralização da CTP e da CTC.

7. Sustentamos que a presença da preposição “com” nessa estrutura está associada à origem da construção (cf. LOPES, 2015; 2017; LOPES e MENEZES, 2018).

8. <http://revistaliteratas.blogspot.com/2012/10/editorial-48-assim-vaio-as-coisas-em.html>. Acesso em 06/02/2019.

9. <http://ateus.net/artigos/filosofia/o-vazio-da-existencia/>. Acesso em 07/06/2018.

2.1. FREQUÊNCIA *TYPE* E *TOKEN* DA CTP E DA CTC

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. Constructionalization and Constructional Changes. New York: Oxford University Press, 2013.

Type, na perspectiva da LFCU, pode ser entendido como um nó na rede de construções, uma categoria abstraída das ocorrências reais de uso, que se organiza em diferentes níveis de esquematicidade. Segundo Traugott e Trousdale (2013), considera-se uma microconstrução o nó em que todos os elementos são específicos (preenchidos com elementos do léxico); o subesquema, o nó em que se observa a convivência de elementos abstratos (categorias morfológicas e sintáticas, por exemplo) com elementos específicos; o esquema, o nó em que todos os elementos são abstratos.

Dessa maneira, podemos entender que atuamos nesta pesquisa com dois *types* sub-esquemáticos. De um lado, a CTP de *cessar* [X_{agente} CESSAR Y_{afetado}]; de outro, sua CTC [X_{agente} CESSAR.COM Y_{afetado}]. Conforme mencionamos previamente, a diferença formal entre as duas construções (que se mostra na superfície) é a presença da preposição entre verbo e complemento na segunda.

Token (ou constructo), por sua vez, representa a ocorrência concreta de cada *type*. Por meio da observação da frequência *token*, podemos depreender as propriedades gerais e prototípicas de cada *type*, assim como identificar qual dos *types* é mais produtivo em relação ao outro (frequência *type*). Dadas essas informações, observemos a frequência *type* e *token* dos dados analisados:

	Type 1 – CTP [X_{agente} CESSAR Y_{afetado}]	Type 2 – CTC [X_{agente} CESSAR.COM Y_{afetado}]
Tokens	93	35
Total	128	

Quadro 2. Frequência *type* e *token* da CTP e da CTC.

Fonte: elaboração própria

A identificação dos *tokens* se deu a partir da extração de 638 dados do *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org), em que se buscaram ocorrências do verbo *cessar* em seus diferentes tempos e flexões. No fim, descartaram-se 510 dados que não pertenciam aos *types* investigados nesta pesquisa, mas, sim, a outros, como, por exemplo,

a construção inacusativa [X_{paciente} CESSAR], com 445 ocorrências, a construção nominal, com 7 ocorrências – em que *cessar* ocupa a função sintática de termo essencial ou integrante da oração –, além de 58 casos ambíguos. Vejamos, abaixo, o gráfico com a produtividade dos *types* que recrutam o verbo *cessar*:

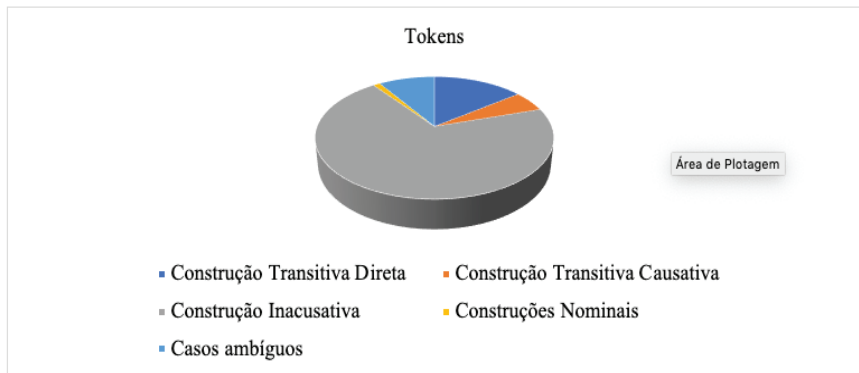


Gráfico 1. Construções com o verbo *cessar*.

Fonte: elaboração própria

Conforme podemos observar, *cessar* é muito mais frequente na construção inacusativa que nas demais construções de estrutura argumental. Paralelamente, no que tange aos *types* investigados, a CTP de *cessar* é muito mais frequente que sua CTC.

Outro dado relevante no levantamento dos *types*, no nosso ponto de vista, é a diferença de realização de cada um dos *types* nos diferentes tempos e modos verbais. Como é possível verificar no quadro 3, a CTP de *cessar* exibe tempos e modos verbais diversos, ao passo que sua CTC parece se especializar nas construções nominais do verbo. Assumimos a hipótese de que esse fato é uma possível evidência da origem mais recente dessa construção, haja vista que uma das consequências da convencionalização é a generalização da construção em diferentes contextos de uso (inclusive, morfossintáticos)¹⁰.

10. Trata-se de uma hipótese para ser atestada em investigações futuras.

MODO INDICATIVO			
Tempo e pessoa		CTD	CTC
Presente		25	4
Eu	cesso	10	0
Tu	cessas	2	0
Ele	cessa	3	3
Nós	cessamos	6	0
Vós	cessais	0	0
Eles	cessam	4	1
Pretérito imperfeito		5	0
Eu	cessava	0	0
Tu	cessavas	0	0
Ele	cessava	2	0
Nós	cessávamos	0	0
Vós	cessáveis	0	0
Eles	Cessavam	3	0
Pretérito perfeito		21	4
Eu	cessei	13	2
Tu	cessaste	1	0
Ele	cessou	3	2
Nós	cessamos	2	0
Vós	cessastes	0	0
Eles	cessaram	2	0
Pretérito mais-que-perfeito		2	0
Eu	cessara	0	0
Tu	cessaras	0	0
Ele	cessara	2	0
Nós	cessáramos	0	0
Vós	cessáreis	0	0
Eles	cessaram	0	0
Futuro do Presente		17	2
Eu	cessarei	6	0
Tu	cessarás	0	0
Ele	cessará	5	2
Nós	cessaremos	4	0
Vós	cessareis	0	0
Eles	cessarão	2	0
Futuro do pretérito		9	2
Eu	cessaria	0	0
Tu	cessarias	0	0
Ele	cessaria	5	2
Nós	cessaríamos	1	0
Vós	cessaríeis	0	0
Eles	cessariam	3	0
Formas e pessoas		14	23
Participio		3	0
Gerúndio		4	0
Infinitivo		7	23
Total de ocorrências		93	35

Quadro 3. Distribuição das ocorrências por *type*, tempo e modo verbal.

Fonte: elaboração própria.

2.2. PROPRIEDADES DA FORMA E DA FUNÇÃO DA CTP E DA CTC

Assumimos que a CTP e a CTC de cessar apresentam uma característica que soa, num primeiro momento, antagônica: não são sinônimas (na medida em que podem apresentar diferenças semânticas e pragmáticas), muito embora possam ser consideradas, em determinados contextos, como estrutura alternáveis, isto é, variantes de uma mesma variável. Porém, trata-se de um antagonismo apenas aparente, que pode ser desfeito quando separamos a generalização (as propriedades gerais e potenciais de uma construção) da realização (os aspectos efetivamente ativados por um determinado uso). Vejamos, inicialmente, dois exemplos da CTP:

- (03) A equipa de gestores da ReFood Algoz-Tunes anunciou hoje, domingo, 9 de setembro, que vai *cessar a atividade*. “É com pesar que vimos a público oficializar o encerramento temporário das nossas atividades. Infelizmente, a falta de voluntários e as dificuldades administrativas impedem-nos de continuar a servir a comunidade de Algoz-Tunes durante os próximos meses, sendo que os atuais membros já não conseguem salvaguardar as responsabilidades de mobilização social e não há mais pessoas disponíveis a quem possamos transferir as obrigações do voluntariado e de gestão do núcleo”¹¹.
- (04) Condições para a sua candidatura ser aceite. Este programa de arrendamento mais barato só está disponível para pessoas que cumpram os seguintes requisitos: ter uma taxa de esforço superior a 10% do rendimento disponível. Não ser proprietário, arrendatário ou titular de uma habitação no mesmo conselho. Caso tenha um imóvel arrendado, pode concorrer com a condição de *poder cessar o contrato atual em determinada data*, por motivos óbvios¹².

As ocorrências (03) e (04) são exemplos da CTP, na medida em que apresentam sujeitos agentes – a equipa de gestores da ReFood Algoz-Tunes, retomado por elipse, em (03); o próprio leitor em (04), depreendido pelo caráter injuntivo do texto –, dois objetos afetados pela ação do verbo – a atividade em (03) e o contrato em (04). Contudo, cabe frisar que, embora representemos a CTP de cessar esquematicamente pelo padrão [X_{agente} CESSAR Y_{afetado}], isso não significa que só analisemos ocorrências em que os elementos da construção estejam dispostos exatamente desse modo.

11. <https://www.barlavento.pt/algarve/refood-algoz-tunes-encerra-por-falta-de-voluntarios> - acesso em 01/07/2019.

12. <http://casaeterrenos.com/mercado-social-de-arrendamento/> - acesso em 01/07/2019.

Uma vez que lidamos com estruturas argumentais bastante abstratas, por uma questão de economia descritiva, consideramos como instâncias dessa construção as ocorrências que apresentam um sujeito elíptico (desde que apresente papel de agente), bem como as que apresentam perífrases verbais (como ocorre nos exemplos supracitados).

A análise das 93 ocorrências da CTP de *cessar* possibilitaram-nos algumas generalizações importantes quanto às propriedades semânticas, a saber:

- i) O verbo assume seu sentido mais básico, isto é, que envolve a interrupção de um processo em curso por meio da ação de um agente;
- ii) O termo agente é, prioritariamente, representado por um elemento de traço humano (seja porque esse traço é prototípico do substantivo – *secretário, homem, artista, etc.* –, seja porque o elemento faz referência a esse traço por meio de relações metonímicas – *o Governo, a revista TV Guia, etc.*), mas também pode ser ocupado por um elemento não humano (*a lei, a decisão, etc.*);
- iii) O termo afetado é preenchido, necessariamente, por um substantivo abstrato que contém a ideia de processo em curso (*atividade, contrato, produção, etc.*).

Uma vez apresentadas algumas generalizações da CTP, passemos agora para CTC. Podemos observar, abaixo, nas ocorrências (05) e (06), a presença de propriedades semânticas muito semelhantes às de (03) e (04), a saber: a) sujeito agente: “você” em (05) e “esse serviço” em (06); b) objeto afetado pela ação do verbo: “a confusão que está dentro de você” em (05) e “esse tipo de carros” em (06).

- (05) Você tem que saber, conhecer bem os segmentos pra depois você perceber o melhor pra você. No estado que você está, minha irmã, o melhor é você se direcionar a uma consulta com um guia chefe de um terreiro de Umbanda, ou ir até uma consulta aos búzios com um zelador de Candomblé. *Você primeiro precisa cessar com essa confusão que está dentro de você*, nutrir sua cabecinha, pra depois decidir qual rumo tomar.

13. <https://ocandomble.com/2008/09/22/ere/> - acesso em 01/07/2019.

- (06) Nos Olivais, efetivamente não me recordo de ver carros articulados, agora, se não me falha a memória, algures ainda antes de 1997, altura em que deixei de andar regularmente pela zona, a 55 era feita com B10M da primeira geração. Não sei precisar quando esse serviço começou e *cessou com esse tipo de carros*¹⁴.

Como afirmamos anteriormente, defendemos que a preposição “com” da CTC encontra-se dessemantizada, sem que se recupere sua noção básica de associação. Embora saibamos que, na abordagem funcionalista, maior quantidade de forma costuma carrear maior quantidade de significado (cf. subprincípio da quantidade – SLOBIN, 1980), a análise das 35 ocorrências da CTC de *cessar* não nos permitiu enxergar outras nuances de significado, de modo que o sentido referencial obtido nas duas construções parece ser o mesmo, conforme podemos verificar por meio das paráfrases propostas a seguir:

- (07) Todos se comprometeram em cessar a atividade fraudulenta.
(07') Todos se comprometeram em cessar com a atividade fraudulenta.
(08) O Parlamento português instou o executivo de Lisboa a pressionar Madrid para cessar com a exploração de urânio.
(08') O Parlamento português instou o executivo de Lisboa a pressionar Madrid para cessar com a exploração de urânio.

A despeito das semelhanças semânticas no polo funcional, as duas construções se distinguem, sensivelmente, quanto aos elementos potenciais que preenchem a função de objeto. Enquanto as 93 ocorrências da CTP apresentaram, invariavelmente, um substantivo abstrato com ideia imanente de processo, como *atividade, contrato, operação, serviço, sangramento, relacionamento, perseguição*, etc., a CTC permite a seleção de elementos de diferente natureza, como observamos em “esse tipo de carros”, em (06). Além desse exemplo, encontramos nos dados: *constituição, obrigatoriedade, demônio, entidades, corpo, personalidade*, etc. Em todos eles, o verbo mantém, de modo análogo à CTP, seu sentido básico – o de interrupção de um processo em curso por meio da ação de um agente –, mesmo quando o objeto selecionado não tem noção imanente de processo, como os supracitados. Nesses casos, os objetos assumem essa noção ad hoc no discurso, de modo que, na ocorrência (06), entendemos que o enunciador se refere à interrupção da produção de um determinado tipo de carro. Assumimos que essa noção semântica se dá por meio da coerção do sentido do verbo. Vejamos agora mais duas ocorrências:

14. <https://www.motor24.pt/motores/o-som-de-hollywood-nos-bmw-eletricos-hans-zimmer-compoe-ruido-do-m-next-concept/> - acesso em 01/07/2019.

- (09) A morte marca o fim da personalidade física, faz cessar consequentemente a personalidade jurídica, sendo assim o homem compreendido em suas funções desaparece no momento de sua morte. Dessa forma, *a morte irá cessar com a personalidade jurídica* que o acompanhou durante a vida, enquanto ser autônomo de imputação de normas jurídicas¹⁵.
- (10) Como, então, a Humanidade poderia progredir, sem a preexistência e a reexistência da alma? Se as almas deixassem a Terra todos os dias, para não voltar mais, a Humanidade se renovaria *sem cessar com as entidades primitivas*, que teriam tudo a fazer e tudo a aprender¹⁶.

Entendemos que um maior escopo quanto à seleção dos objetos pela CTC represente o resultado do que conhecemos por expansão *host-class* (HILMMENLMANN, 2004)¹⁷. Sob esse ponto de vista, a CTC licencia novos usos em comparação à CTP (isto é, permite a seleção dos mesmos objetos da CTP, além de outros não recrutados por essa construção). Inclusive, muito embora, na LFCU, não seja comum o julgamento de gramaticalidade de frases, os exemplos (06), (09) e (10) não parecem soar naturais na CTP:

- (06') * Não sei precisar quando esse serviço começou e cessou esse
(09') tipo de carros.
* A morte irá cessar a personalidade jurídica.
(10') * a Humanidade se renovaria sem cessar as entidades primitivas.

A despeito do julgamento de gramaticalidade ser um pouco subjetivo em certos casos, podendo o nosso leitor considerá-las perfeitamente naturais e aceitáveis, entendemos que os dados evidenciam exatamente o oposto. Enquanto na CTP os 93 casos envolvem apenas substantivos abstratos com ideia imanente de processo (muitas vezes, deverbais), há 07 casos, dentre os 35 da CTC, que apresentam tanto substantivos abstratos sem essa ideia de processo imanente, bem como substantivos concretos.

Vale ressaltar que a defesa de que a CTC manifesta usos mais gerais, com expansão *host-class* de suas categorias componentes, não ocorre apenas nas construções com o verbo *cessar*. Os verbos *explodir* e *acabar* (cf. LOPES e MENEZES, 2018), que também se apresentam na CTP e na CTC, exibem os mesmos tipos de propriedades. Vejamos alguns exemplos:

15. <http://dadospessoais.net/2007/03/> - acesso em 01/07/2019.

16. <http://evangelhoespirita.wordpress.com/capitulos-1-a-27/cap-25-buscai-e-achareis/ajuda-te-e-o-ceu-te-ajudara/> - acesso em 01/07/2019.

17. Por expansão *host-class*, ou expansão da classe hospedeira, entendemos o recrutamento de novos elementos numa construção

- (11) A polícia procura uma quadrilha armada que invadiu uma fábrica e *explodiu um caixa eletrônico* hoje de madrugada em Fazenda Rio Grande. O grupo rendeu um dos vigilantes e levou todo o dinheiro do local¹⁸.
- (12) O 3º filme do Planeta dos Macacos ou (SPOILERS): Como fazer uma sequência depois de matar todas as personagens e *explodir com o planeta no filme anterior?* Este filme é tramado... Se um segundo filme não estava pensando quando se rodou o primeiro, então, visto o final de Beneath the Planet of the Apes, é que este terceiro não podia estar mesmo previsto¹⁹.
- (13) Conte até 100 antes de *explodir com os outros*, pois por estarmos mais propensos a desconsiderar os sentimentos dos outros, podemos causar muitas mágoas e ressentimentos²⁰.
- (14) “Trabalhei com muitos bons profissionais, mas o Ronaldo é provavelmente o melhor de todos, quer ser melhor todos os dias”, disse Rui Faria. “Podíamos chegar às 4h da manhã depois de um jogo e de um voo longo, mas ele queria ir logo fazer tratamento muscular e pedir a um preparador físico que o ajudasse. Podia *acabar um treino* e ficar duas horas a treinar livres²¹.”
- (15) Outra declaração do vice de Bolsonaro, que criticou o 13º salário, também foi mencionada pelo candidato Meirelles. “O candidato Bolsonaro não gosta do Bolsa Família, e também não aprecia muito que a lei seja cumprida e a mulher ganhe o mesmo que o homem. *O vice dele quer acabar com o 13º salário e o adicional de férias*, e o economista dele quer recriar a CPMF²².”

A CTP de *explodir* sempre apresenta o verbo em seu sentido literal, relacionado às situações que envolvem o emprego de armas químicas que, ao serem detonadas, extinguem seu alvo. Esse é o sentido que obtemos em (11), na medida em que a destruição do caixa eletrônico é

18. <http://bandnewsfmc Curitiba.com/2013/08/15/policia-procura-quadrilha-que-invadiu-uma-fabrica-e-explodiu-caixa-eletronico-na-rmc/> - acesso em 01/07/2019

19. <http://depoisdocinema.blogspot.com/2013/05/escape-from-planet-of-apes-1971.html> - acesso em 01/07/2019.

20. <http://astrologiaeradeaquario.blogspot.com/2013/02/horoscopo-da-semana-de-04-10-de.html> - acesso em 01/07/2019.

21. <https://www.ojogo.pt/internacional/noticias/interior/ronaldo-e-o-melhor-profissional-que-eu-ja-treinei-diz-rui-faria-9926907.html> - acesso em 01/07/2019

22. <https://www.poder360.com.br/eleicoes/debate-na-record-une-candidatos-e-programa-vira-ataque-a-bolsonaro/> - acesso em 01/07/2019.

o efeito obtido nessa ocorrência. Na CTC, por sua vez, é possível tanto a veiculação do sentido mais literal, como ocorre em (12), quanto sentidos mais abstratos para o verbo, como em (13), em que o verbo é empregado com sentido análogo ao do verbo *revoltar-se*. Portanto, observamos que a CTC de *explodir*, em comparação à sua CTP, manifesta expansão quanto aos contextos de uso, licenciando usos literais e metaforizados, bem como apresenta expansão *host-class* dos objetos possíveis para a função de objeto da construção.

O verbo *acabar*, nas ocorrências da CTP, apresenta o sentido de *concluir uma determinada atividade* em curso, como podemos observar em (14). Na CTC, por sua vez, acabar sempre assume um sentido mais abstrato, próximo à noção de extinguir um determinado processo ou elemento, como vemos em (15) ou, ainda, de causar forte incômodo, desconforto. Paralelamente, na CTC, há expansão *host-class* dos argumentos: enquanto na CTP, o sujeito é sempre animado (por exemplo, posso dizer “eu acabei a leitura”, mas dificilmente “? a leitura me acabou”), na CTC, elementos de traço menos animado podem preencher essa função (por exemplo, “essa leitura acabou com meu dia”). Por conseguinte, acreditamos que esses dados servem para evidenciar que a CTC, em relação à CTP, apresenta novas e diferentes possibilidades de uso.

Por fim, fechamos esta seção com um quadro que exhibe as propriedades da forma e da função da CTP e da CTC de *cessar*²³:

		CTP	CTC
F O R M A	Propriedades sintáticas	* Estrutura transitiva que envolve sujeito, verbo e objeto; * Possibilidade de localização de termos intervenientes entre verbo e objeto.	* Estrutura transitiva que envolve sujeito, verbo e objeto; * Ausência de termos intervenientes entre verbo e complemento, na medida em que verbo e preposição estão mais vinculados na estrutura.
	Propriedades morfológicas	* Presença de diferentes tempos e modos, além de formas nominais, pelos verbos da construção; * Preenchimento dos objetos por substantivos abstratos.	* Flexão do verbo da construção em poucos tempos e modos, prioritariamente, na forma nominal (infinitivo); * Preenchimento dos objetos por substantivos abstratos ou concretos.
	Propriedades fonológicas	* Manutenção do ritmo entoacional, com possibilidade de pausa entre verbo e complemento pela inserção de elementos intervenientes.	* Favorecimento de formação de grupo de força entre verbo e complemento, em virtude da ausência de termos intervenientes.

23. Optamos por não explorar, nas análises desta seção, todas as propriedades da forma e da função. Escolhemos somente aquelas que julgamos mais relevantes para a caracterização e distinção da CTP e da CTC.

FUNÇÃO	Propriedades semânticas	<ul style="list-style-type: none"> * Presença de sujeito agente (tipicamente humano) e objeto afetado; * Verbo em seu sentido básico, que envolve a interrupção de um processo em curso, por meio da força de um agente; * Objeto representado, invariavelmente, por um substantivo abstrato de noção imanente de processo (com frequência, deverbais). 	<ul style="list-style-type: none"> * Presença de sujeito agente (tipicamente humano) e objeto afetado; * Verbo em seu sentido básico, que envolve a interrupção de um processo em curso, por meio da força de um agente; * Objeto representado por substantivos abstratos ou concretos, sem que haja necessidade de noção imanente de processo.
	Propriedades pragmáticas	<ul style="list-style-type: none"> * Apresentação de um estado de coisas pelo locutor; * Conteúdo predominantemente factual. 	<ul style="list-style-type: none"> * Atribuição da noção de processo em curso <i>ad hoc</i> ao objeto, de maneira coerciva, pelo verbo da construção, mesmo que este não tenha esse sentido imanente; * Apresentação de um estado de coisas pelo locutor; * Conteúdo predominantemente factual.
	Propriedades discursivo-funcionais	Sequência narrativa, do universo do relato.	Sequência narrativa, do universo do relato.

Quadro 4. Propriedades da forma e da função da CTP e da CTC de *cessar*

Fonte: elaboração própria.

Como vimos na seção 1, Perek (2015) afirma que a relação de variação entre duas (ou mais) construções pode depender do contexto de uso, conforme demonstra por meio da comparação das construções de alternância locativa (uma com *with*; outra com *onto*). Sob esse ponto de vista, defendemos que a CTP e a CTC podem ser consideradas também como estruturas variáveis em certos contextos, as quais buscaremos descrever aqui por meio de algumas generalizações.

Assim como Cappelle (2006), acreditamos que a relação aloconstrucional entre a CTP e a CTC pode ser estabelecida por meio de uma representação mais esquemática, superordenada, em que se apresentam as propriedades gerais compartilhadas por ambas construções. No entanto, enquanto Cappelle (2006) propõe uma representação em que está descrita apenas a morfossintaxe, propomos um modelo em que descrevemos também algumas propriedades semânticas. O objetivo dessa representação é ilustrar que as duas construções só serão alternáveis quando apresentarem as mesmas propriedades semânticas, e não apenas as morfossintáticas.

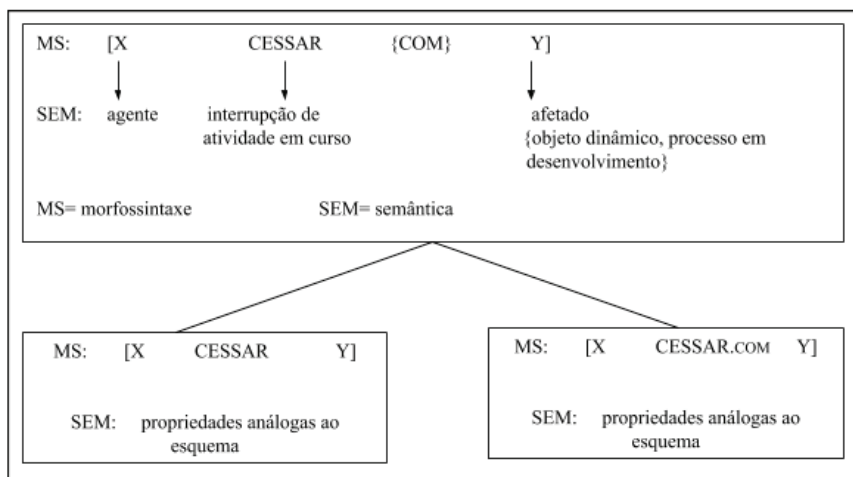


Figura 3. CTP e CTC de *cessar* como aloconstruções

Fonte: elaboração própria

Nessa perspectiva, podemos considerar que a CTP e a CTC poderiam assumir uma relação aloconstrucional em (03) e (16), mas não em (06).

- (03) A equipa de gestores da ReFood Algoz-Tunes anunciou hoje, domingo, 9 de setembro, que vai *cessar a atividade*. “É com pesar que vimos a público oficializar o encerramento temporário das nossas atividades. Infelizmente, a falta de voluntários e as dificuldades administrativas impedem-nos de continuar a servir a comunidade de Algoz-Tunes durante os próximos meses, sendo que os atuais membros já não conseguem salvaguardar as responsabilidades de mobilização social e não há mais pessoas disponíveis a quem possamos transferir as obrigações do voluntariado e de gestão do núcleo”.
- (16) Meteorologia Edição Stop Urânio elogia Portugal por pressão sobre Madrid. A organização ambiental espanhola Plataforma Stop Urânio congratulou-se hoje pelo Parlamento português ter instado o executivo de Lisboa a pressionar *Madrid para cessar com a exploração de urânio* na Espanha até a população portuguesa ser consultada²⁴.

24. <https://www.noticiasaminuto.com/pais/975667/stop-uranio-elogia-portugal-por-pressao-sobre-madrid> - acesso em 06/07/2019.

- (06) Nos Olivais, efetivamente não me recordo de ver carros articulados, agora, se não me falha a memória, algures ainda antes de 1997, altura em que deixei de andar regularmente pela zona, a 55 era feita com B10M da primeira geração. Não sei precisar quando esse serviço começou e *cessou com esse tipo de carros*.

Argumentamos que, nos dois primeiros exemplos, a CTP e a CTC podem ser vistas como estruturas alternáveis porque se encontram em um contexto de neutralização, em que ambas compartilham propriedades semânticas análogas. Sendo assim, poderíamos propor as seguintes paráfrases para (03) e (16), sem que houvesse mudança no valor referencial, mas não para (06):

- (03') A equipa de gestores da ReFood Algoz-Tunes anunciou hoje, domingo, 9 de setembro, que vai cessar com a atividade.
- (16') A organização ambiental espanhola Plataforma Stop Urânio congratulou-se hoje pelo Parlamento português ter instado o executivo de Lisboa a pressionar Madrid para cessar a exploração de urânio na Espanha.
- (06') * Não sei precisar quando esse serviço começou e cessou esse tipo de carros.

A restrição em (06') se daria pelo fato da extensibilidade do objeto da CTC, que permite a instanciação de elementos distintos, como consta na última linha do quadro abaixo:

[X _{agente} CESSAR Y _{afetado}]	[X _{agente} CESSAR.COM Y _{afetado}]
1) O verbo apresenta seu sentido mais básico: o de interrupção de uma tarefa que vinha sido desenvolvida pelo sujeito;	Propriedades análogas
2) O termo agente é, prioritariamente, representado por um elemento de traço animado (prioritariamente humano, seja porque esse traço é imanente do substantivo, seja porque o elemento faz referência a esse traço por metonímia), mas também pode ser ocupado por um elemento não humano.	→ Propriedades análogas
3) O termo afetado é preenchido por um substantivo abstrato que tem ideia de processo em desenvolvimento (<i>atividade, contrato, produção, etc.</i>)	3) Há expansão <i>host-class</i> do objeto, que pode ser preenchido não somente por palavras dinâmicas (isto é, processos, que envolvem o curso do tempo), bem como por elementos estáticos (cuja ideia de processo é atribuída <i>ad hoc</i> no discurso, como <i>tipo de carros, obrigatoriedade, os jornais, etc.</i>).

Quadro 5. Propriedades semânticas da CTP e CTC de *cessar*

Fonte: elaboração própria

Sendo assim, a CTC pode ser vista como uma expansão da CTP, na medida em que aquela contém os usos previstos desta (embora o contrário não seja verdadeiro). Portanto, podemos definir, aqui, contexto de neutralização como o espaço virtual em que as propriedades de duas ou mais construções se equivalem e, por isso, apresentam o mesmo valor referencial. Na figura abaixo, por exemplo, esse espaço é representado pela caixa cinza, que recobre os aspectos compartilhados pelas CTP e CTC. O espaço descoberto, por outro lado, é o espaço da expansão, dos usos não previstos pela CTP.

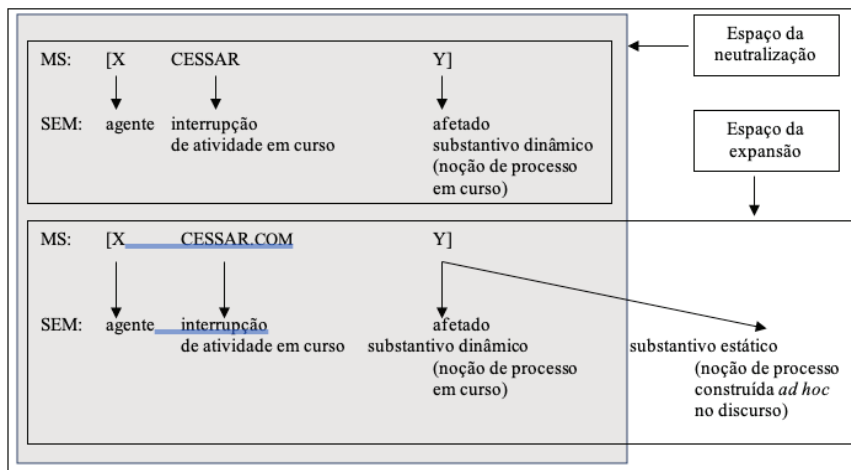


Figura 4. CTC de *cessar* como expansão da CTP

Fonte: elaboração própria

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos linguísticos, *cessar* está no rol dos verbos inacusativos, isto é, dos verbos monoargumentais que selecionam um sujeito de papel paciente, como ocorre no exemplo a chuva cessou. No entanto, no português contemporâneo, esse verbo é recrutado por duas estruturas biargumentais: a construção transitiva prototípica (CTP), de padrão $[X_{\text{agente}} \text{CESSAR } Y_{\text{afetado}}]$ e a construção transitiva causativa (CTC), de padrão $[X_{\text{agente}} \text{CESSAR.COM } Y_{\text{afetado}}]$.

Uma vez que as duas construções apresentam propriedades semânticas análogas em seus argumentos (ambas selecionam um sujeito agente e um objeto afetado), buscamos aferir se teríamos, na língua, duas construções sinônimas. De um lado, isso atestaria a existência de uma relação de variação construcional entre a CTP e a CTC (cf. CAPPELLE, 2006; PEREK, 2015); de outro, negaria um dos princípios fundantes da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995): o da não sinonímia, que prevê que todas as construções com diferenças formais manifestam diferenças semânticas e/ou pragmáticas.

Não obstante esse aparente paradoxo, demonstramos, sobretudo com base em Perek (2015), que os dois fenômenos podem coexistir na língua. Duas construções podem não ser necessariamente sinônimas (isto é, podem apresentar diferenças quanto às propriedades gerais da forma e da função), mas podem assumir uma relação de alternância em contextos de neutralização. Sob esse ponto de vista, buscamos evidenciar, neste texto, por meio de dados empíricos, que a CTP e a CTC mantêm uma relação de variação construcional (em que são vistas como aloconstruções), quando ambas compartilham o mesmo tipo de objeto: um elemento afetado pela ação do verbo, constituído por um substantivo dinâmico, que contenha uma noção básica de processo em curso.

Monclar Guimarães Lopes (monclarlopes@gmail.com)
Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF).

Leonardo Maia do Carmo (leonardomaiacarmo@gmail.com)
Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ.

Como citar esse artigo

LOPES, Monclar Guimarães; CARMO, L.M. Variação construcional em estruturas argumentais transitivas com o verbo cessar: um estudo centrado no uso. **Revista Gatilho**, UFJF, v. 18, p. 123-148. out. 2020.

Subjectivation and intersubjectivation processes in uses of the verb calcular in portuguese

ABSTRACT: This paper aims to describe two transitive argument structure constructions that instantiate the verb cessar (to cease) in Contemporary Portuguese: a) the prototypical transitive construction [X_{agent} CESSAR $Y_{patient}$]; b) the causative transitive construction [X_{agent} CESSAR.COM $Y_{patient}$]. In the light of Usage-based Linguistics (cf. BYBEE, 2010; CUNHA et al., 2013; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016; among others), we seek to investigate the properties of form and meaning of these constructions, as well as to check if they show a constructional variation relationship (cf. CAPPELLE, 2006; PEREK, 2015), since they both have agent subjects and patient objects. For this analysis, we applied a quali-quantitative methodology in which we identified and selected 128 tokens of both constructions, extracted from the Portuguese Corpus (www.corpusdoportugues.org). The results exhibit that the prototypical transitive construction and the causative transitive construction can be considered variants only in some contexts, due to the extensibility of the latter, which allows the instantiation of objects with different semantic properties.

KEYWORDS: Transitive constructions with the verb cessar (to cease); constructional variation; Usage-based Linguistics.

REFERÊNCIAS:

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BYBEE, J.; THOMPSON, S. Three Frequency Effects in Syntax. **Berkeley Linguistics Society**, 23, 1997, p. 378-388.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. In: DORIS SCHÖNEFELD (ed.) **Constructions all over: case studies and theoretical implications**, Constructions, special volume 1, 2006. Disponível em: <<http://www.constructions-online.de/articles/specvol1>>. Acesso em 04 de março de 2019.
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, M. A. F; BISPO, E. B; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M; CUNHA, M. A. F (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad- Faperj, 2013, p. 13-39.
- DANEŠ, F. A Three-level approach to syntax. In: DANEŠ, F; HORÁLEK; K; SKALICKA, V; TROST, P; VACHEK, J (eds.) **L'École de Prague d'aujourd'hui**. Prague: Academia, 1964, p. 225-240.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P. **Construction Grammar**. Berkeley: University of California, 1993.
- GOLDBERG, A. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HALIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. New York: Edward Arnold, 1985.
- HILMELMANN, N. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W; HILMELMANN, N; WIEMER, B. **What Makes Grammaticalization – A Look from its Fringes and its Components**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.
- HILPERT, M. **Construction Grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- LAMBRECHT, K. **Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus, and the Mental Representations of Discourse Referents**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LOPES, Monclar Guimarães. **Transitivização de desaparecer em perspectiva cognitivo-funcional**. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 178p, 2015.
- LOPES, Monclar Guimarães. Transitivização de sumir e desaparecer no português do Brasil: um caso de construcionalização lexical. **Revista Entrepalavras**. Fortaleza, n. 4., v. 7, 2017, 18p. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/729>.
- LOPES, Monclar Guimarães; MENEZES, Vanda Maria Cardozo. A formação do sub-esquema argumental causativo no português brasileiro. **Revista Confluência**. Rio de Janeiro, n. 54., v.1, 2018, 23p. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/213>.
- PEREK, F. **Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 60, v. 2, 2016, p. 233-259.

TOMASELLO, M. **Constructing a Language**. A Usage-Based Theory of Language Acquisition. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2013.